

## Nude on the Moon / 1961

um filme de Doris Wishman e Raymond Phelan

**Realização:** Doris Wishman (creditada como Anthony Brooks) e Raymond Phelan / **Argumento:** O. O. Miller (a partir de uma ideia de Jack Caplan) / **Direção de Fotografia:** Raymond Pheelan / **Som:** Titra Sound Corp. / **Montagem:** Ivan McDowell / **Música:** Daniel Hart (canção "Moon Doll" interpretada por Ralph Young) / **Interpretação:** Marietta (Cathy/Rainha da Lua), William Mayer (Professor Nichols), Lester Brown (Dr. Jeff Huntley), Pat Reilly, Ira Magee, Lacey Kelly, Shelby Livingston, Rovert W. Kyorimee, Joyce M. Geary, etc.

**Produção:** Moon Production / **Produtores:** Doris Wishman e Martin Caplan / **Cópia:** DCP, preto e branco, 70 minutos, versão original legendada eletronicamente em português / **Estreia Mundial:** janeiro de 1961, em Ford Lauderdale (Flórida) / **Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.**

---

Com as presenças de Peggy Ahwesh e Lisa Petrucci na sessão de dia 6 de maio

---

"I just thought of a crazy idea, and I made a movie."  
(depoimento de Doris Wishman a Michael Bowen, autor da sua biografia)

Quase 60 anos depois de George Méliès e oito anos antes de Neil Armstrong, Doris Wishman foi à lua e regressou com a mais delirante incursão da história do cinema ao satélite do nosso planeta (e a concorrência não era fácil). No seu segundo filme como realizadora depois da estreia (igualmente não creditada) com **Hideout in the Sun**, Wishman cruzava a ficção científica com o *sexploitation*, no caso, no subgénero *nudie cutie*, no qual se especializaria antes de passar a uma versão mais crua e violenta do sexo nos seus vários *roughies* (**Bad Girls Go to Hell**) para depois chegar ao erotismo *softcore* mais desabrido (**Deadly Weapons, Keyholes Are for Peeping**) e finalmente terminar a sua carreira paredes meias com o porno (**Satan Was a Lady, Dildo Heaven**) com a propecta idade de 90 anos (só a morte interrompeu o intenso ritmo desta fase final do seu trabalho depois de quase duas décadas de apagamento). Terá sido por essa altura que proferiu o seu famoso "quando morrer, vou fazer filmes no Inferno", epitáfio que serve na perfeição como subtítulo desta retrospectiva e como resumo da forma desabrida com que Wishman se afirmou no mundo quase 100% masculino do *sexploitation* e viveu para contar.

Vale a pena recordar como é que esta *nice girl* pequena e franzina, já então com quase 50 anos, foi parar ao cinema de emoções fortes e orçamentos pindéricos do *sexploitation*. Tendo nascido em Nova Iorque, Wishman estudou representação nessa cidade (terá sido colega de curso de Shelley Winters, que lhe teria dito que ela

daria uma boa atriz). Não tendo chegado a iniciar carreira como tal, Wishman foi à mesma parar ao cinema, mas à componente de *marketing* e distribuição. Aí ter-se-á familiarizado com as estratégias de promoção dos filmes, as particularidades dos vários circuitos de salas e dos seus públicos, e a importância no fim do dia do *box office* como a força que faz mexer esta indústria. Tendo casado tarde, em 1958, deixou o trabalho no cinema e mudou-se para a Flórida, no que pensava ser o princípio da sua "reforma" como pacata dona de casa de classe média. A morte inesperada do marido, apenas cinco meses depois do seu casamento, obrigou-a a procurar uma nova profissão que, como disse em várias entrevistas, a mantivesse de cabeça ocupada e lhe desse o necessário sustento. Com o "faro" afinado por vários anos no mercado de distribuição cinematográfica, Wishman viu na então absoluta novidade dos filmes sobre o fenómeno emergente do movimento nudista na Flórida uma oportunidade de ouro e soube agarrá-la com as duas mãos. Valendo-se de uma recente excepção legal no código de censura que permitia mostrar nádegas e seios no ecrã se essa exibição estivesse enquadrada na divulgação da cultura naturista, Wishman não se fez rogada e, entre 1960 e 1965, dirigiu os seus primeiros nove filmes, todos eles *nudie cuties*, ou seja, filmes em que os enredos, mesmo quando tão rebuscados como o deste **Nude on the Moon**, são sobretudo pretexto para dar a ver os talentos naturais dos seus actores e atrizes.

Filmado numa colónia nudista na Flórida (como vários dos seus filmes desta fase), **Nude on the Moon** levou demasiado longe a permissividade do espírito da lei com a sua fantasia da Lua como um jardim do Éden pelo que a sua exibição acabou por ser proibida nalguns estados americanos, mas isso não o impediu de gerar o retorno financeiro necessário para alimentar a continuidade da carreira de Wishman como produtora, realizadora, argumentista e vários etc. (em todos os filmes que fez acumulou sempre estas várias funções, mesmo que sob a capa dos múltiplos pseudónimos a que recorria "para não parecer mal" e dar a ideia de uma equipa técnica e artista bem mais robusta do que estas produções de baixo orçamento e rodagens rápidas puderam efectivamente contar).

Se nos lembrámos do filme de Méliès no princípio deste texto, é porque se há algo que liga o *exploitation* aos filmes dos primeiros anos do cinema (o chamado cinema das atrações) é o mesmo desejo exibicionista da "mostração" na sua faceta mais infantil e "pura", o mesmo desenrascanço das produções de baixo orçamento e a mesma crença ilimitada na boa vontade dos espectadores para, com muito pouco, embarcar na "suspensão da descrença" essencial à imersão no universo ficcional. Claro que quem comprava um bilhete para ver um filme com um título tão promissor estaria mais interessado nos atributos físicos das supostas selenitas do que no rigor científico da expedição espacial nele retratada, mas não é por isso menos admirável o empenho de Wishman para levarmos a sério tão descabelado romance interplanetário apoiado em tão insípidos actores e em tão fajutos *production values* (aqueles fatos de astronauta!).

Entre as várias delícias deste quase *remake* de **Le voyage dans la lune** (muita coisa aproxima os dois filmes, desde o genérico de **Nude on the Moon** que remete para um plano muito semelhante da Terra vista da Lua no filme de Méliès; à estrutura da narrativa assente nos preparativos da viagem, nas peripécias lunares e no regresso ao nosso planeta; ao plano da aproximação do foguetão na chegada à Lua que é impossível ver sem pensar em idêntico ponto de vista nesse plano que é sinónimo do

nascimento da fantasia no cinema), há também a contribuição muito própria de Wishman para o enriquecimento do imaginário da ficção científica nesses anos marcados pela corrida ao espaço. Com a sua visão da Lua como paraíso naturista povoado por “moon dolls” (magnífica a utilização da canção homónima nos créditos iniciais a dar logo o tom para esta *love story* literalmente de outro planeta) e com uma civilização retrofuturista (um achado a comunicação telepática entre os habitantes lunares pois – tal como o uso dos intercomunicadores pelos dois astronautas mesmo quando estão mesmo ao lado um do outro – permitem evitar as complicações de sincronismo dos diálogos com a imagem, no que é uma das *trademarks* do cinema de Wishman desde o início) e o *happy end* dado pelo extraordinário plano em que o descoroçoado Jeff vê na sua apaixonada secretária a encarnação (real ou fruto de uma alucinação resultante da viagem espacial?) da sua amada Rainha da Lua, Wishman pode não ter assinado o seu **Frau im Mond**, mas deu-nos certamente um irresistível filme de culto.

Nuno Sena